

Cenários para 2003

CONVICÇÃO NO COMBATE À INFLAÇÃO E APOIO PARLAMENTAR CONDICIONAM AS POSSIBILIDADES

*Rogério L. Furquim Werneck**

Dissipados os temores duma reviravolta na política econômica após a mudança de governo, as atenções se voltam para os desafios e as possibilidades da difícil agenda econômica que o País tem pela frente nos próximos meses. O grande desafio de curto prazo é impedir que a colossal depreciação cambial do ano passado deixe a economia num novo patamar de inflação, com taxas de dois dígitos. Isso deverá requerer persistência na política de controle de demanda, na linha do que já vem fazendo o governo. Mas é preciso ter em conta que os efeitos dessa política podem acabar sendo mais lentos do que em geral se imagina. E que seus possíveis desdobramentos estão longe de ser indolores. Muito pelo contrário. Podem envolver enorme desgaste político.

A acomodação da depreciação cambial, sem complacência com a aceleração da inflação, deverá requerer uma modificação substancial nos preços relativos, contração de margens de lucro em muitos setores, alguma redução de salário real e elevação momentânea do desemprego. Essa acomodação está apenas começando. Pode haver ainda muito desconforto a enfrentar até que os benefícios possam ser colhidos. A persistência no combate à inflação, portanto, deverá exigir do governo convicção inabalável sobre o acerto da política adotada. E não se trata simplesmente de enfrentar objeções à esquerda da aliança que dá apoio ao governo. Haverá forte e crescente resistência também à direita. Não faltarão líderes empresariais prontos a denunciar que o controle da inflação não pode ser feito às custas do aumento de desemprego, da queda de salário real e do arrocho de margens de lucro. Nem quem se prontifique a acusar o governo de estar colocando o crescimento em segundo plano. A reverberação dessas críticas na mídia poderá ser extremamente desgastante.

Neste primeiro ano de mandato, além do desafio de curto prazo envolvido no esforço de desinflação, o governo tem também pela frente uma intrincada agenda de reformas a negociar com o Congresso. A ampliação do espaço de manobra da política econômica e a viabilização duma retomada sustentada e razoavelmente vigorosa de crescimento econômico nos próximos anos dependem do sucesso de tais negociações.

Tendo em vista todas essas considerações, pode-se recorrer à tabela anexa para explorar possíveis cenários para 2003, a partir de quatro combinações diferentes de respostas dicotômicas a duas indagações básicas. (1) Que grau de convicção no combate à inflação o governo de fato será capaz de mostrar nos próximos meses? Exibirá uma convicção inabalável ou dará mostras de estar hesitante? (2) Conseguirá o governo construir uma base parlamentar estável e suficientemente ampla para tornar viável a aprovação de reformas constitucionais? Ou ficará restrito a um apoio limitado no Congresso?

O cenário A combina a hipótese de convicção inabalável com a suposição de amplo apoio no Congresso, dando lugar a um círculo virtuoso. Há uma queda convincente da inflação, possivelmente ajudada por um recuo na taxa de câmbio. E as perspectivas de retomada do crescimento tornam-se promissoras. O sucesso de curto prazo reforça tanto a convicção do governo quanto o apoio do Congresso, abrindo caminho para aprovação parcial das reformas. No cenário B, mesmo com resultados lentos no combate à inflação, o governo mostra firmeza. Mas não consegue construir uma coalizão ampla no Congresso. As reformas são postergadas. A política econômica tem de continuar a ser conduzida em terreno íngreme.

Quatro Cenários

<i>Convicção do governo? →</i>	<i>Inabalável</i>	<i>Hesitante</i>
<i>Apoio no Congresso? ↓</i>		
<i>Ampla</i>	<i>Cenário A: Círculo Virtuoso</i>	<i>Cenário C: Reformas com Inflação?</i>
<i>Limitado</i>	<i>Cenário B: Terreno Íngreme</i>	<i>Cenário D: Inflação sem reformas</i>

Já no cenário C, a impaciência com resultados lentos no combate à inflação deflagra pressões incontroláveis em favor da pronta retomada do crescimento. No Congresso, os líderes do governo arguem que a insistência da equipe econômica na “agenda negativa” impede a construção de uma coalizão parlamentar mais ampla. Apesar da inflação ainda alta, o governo afinal decide afrouxar a política monetária, apostando num avanço significativo das reformas. O cenário D contempla o pior dos mundos: inflação sem reformas. Em meio à crescente descrença na estratégia de combate à inflação, a política macroeconômica se torna cada vez mais incoerente. As propostas de reforma são reavaliadas e passam a ser consideradas irrealistas. “Coisa de quem não conhece o Congresso”, dirão os tarimbados de sempre.

É importante ter em mente que o cenário C não é propriamente uma possibilidade. Não passa de uma miragem. Mas de uma miragem suficientemente importante para fazer descarrilhar a política de combate à inflação. Caso o governo acabe se deixando levar pela tentação de relaxar a política monetária para conquistar o apoio do Congresso às reformas, logo vai-se descobrir sem nem uma coisa nem outra. O cenário C, portanto, é só um efêmero ponto de passagem para o cenário D.

Por esquemática que seja, a análise desses quatro cenários ajuda a balizar a discussão sobre as possibilidades da economia brasileira em 2003. E permite entrever tanto dificuldades no caminho para o sucesso como falsas facilidades no caminho para o desastre.

* Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.